



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**DINAH LUCAS PINHEIRO DE AZEVEDO  
ADALBERTO PEREIRA DA SILVA  
(depoimento)**

**2010**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-197

**Entrevistados:** Dinah Lucas Pinheiro de Azevedo e Adalberto Pereira da Silva

**Nascimento:** **Dinah:** 02/10/1955 – **Adalberto:** 08/05/1953

**Local da entrevista:** São Paulo/SP

**Entrevistador:** Marco Antônio Ávila de Carvalho

**Data da entrevista:** 10/12/2010

**Transcrição:** Juliana de Abreu Werner Tavares

**Conferência Fidelidade:** Letícia Baldasso Moraes

**Copidesque:** Letícia Baldasso Moraes

**Pesquisa:** Tuany Defaveri Begossi

**Total de gravação:** 20 minutos e 29 segundos

**Páginas Digitadas:** 08

**Catálogo:** Ivone Job

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

PINHEIRO DE AZEVEDO, Dinah Lucas; PEREIRA DA SILVA, Adalberto. *Dinah Lucas Pinheiro de Azevedo e Adalberto Pereira da Silva (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

## SUMÁRIO

Início do envolvimento dos entrevistados com o Programa Segundo Tempo: convites, desafios, resultados; Impactos do PST na comunidade onde são coordenadores destacando principalmente a inclusão social; Trabalho desenvolvido no Estado do Ceará: PST presente em localidades de difícil acesso; Processo de formação e capacitação dos coordenadores e monitores; Se os objetivos e valores do PST, debatidos nas capacitações chegam até “a ponta” realmente; Opinião em relação à estruturação do PST e o que é possível ser qualificado no mesmo; Importância na preservação da memória do Programa Segundo Tempo.

São Paulo, 10 de Dezembro de 2010. Entrevista com Dinah Azevedo e Adalberto da Silva, a cargo do entrevistador Marco de Carvalho, para o Projeto Memórias do Segundo Tempo.

M.C. – Começo perguntando para vocês...Como e quando iniciou o envolvimento com o Programa Segundo Tempo?

D.A. – O nosso envolvimento com o Programa Segundo Tempo aconteceu a partir do final de 2009, quando meu colega de turma na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Londrina - UEL, o professor Luis Cláudio<sup>1</sup>, me convidou para fazer parte da equipe colaboradora 20 e dividir o convênio do governo do Ceará com a equipe 19, do Rio Grande do Norte, já que o referido convênio abrangia 245 núcleos além de ser o único que atendia a maioria dos municípios. Era interessante, portanto, para o Ministério do Esporte ter uma equipe colaboradora no Ceará, racionalizando custos e estimulando maior aproximação entre a coordenação geral e toda a população envolvida. Em seguida convidei o professor Adalberto, também professor adjunto do curso de Educação Física da Universidade Estadual Vale do Acaraú, com sede em Sobral, onde moramos, localizada na zona norte do Estado do Ceará, distante a 242 km de Fortaleza para ser o vice-coordenador; junto percebeu a necessidade de envolver outros nomes docentes do nosso curso, que prontamente se colocaram a disposição. Os professores José Lyryal Rolim de Castro, Luiz Carlos da Silva Júnior, Francisco Irapuan Ribeiro, Thiago Tavares Soares e Núbio Vidal passaram assim a integrar a EC20.

Nosso trabalho se iniciou enfrentando muitos percalços, lá no “interiorzão” do Ceará, com muitas dificuldades, mas compreendendo a importância da nossa missão enquanto educadores, o que nos fortaleceu diante deste novo desafio e na concretização da busca pela consolidação de um trabalho sério para a efetivação de uma política pública consistente e capaz de atender um número maior de crianças, adolescentes e jovens que se encontram em áreas de vulnerabilidade social no Estado do Ceará.

Iniciamos as nossas primeiras visitas *in loco*, acompanhando 104 (com 10 mil beneficiados) dos 245 núcleos subordinados ao convênio 053/2008 do Governo do Ceará. Naquele momento atendemos 20% dos núcleos que nos foram estratificados, cumprindo a rotina árdua do PST e tentando conciliar nossas atividades do PST com as nossas

---

<sup>1</sup> Luiz Cláudio Reeberg Stanganelli. Universidade Estadual de Londrina.

obrigações diárias na Universidade. Diante de todo esse desafio organizamos a primeira capacitação para 89 coordenadores de núcleo do convênio com o SESC-CE<sup>2</sup> em abril de 2010, cumprindo em seguida a rotina das visitas *in loco*, o temido relatório consolidado, enfim, todas as atribuições e competências das Equipes Colaboradoras. No momento presente acabamos de receber a notícia da aprovação dos convênios com a Prefeitura de Sobral, de Maranguape e da cidade de Graça, além da prorrogação do convênio com o SESC que deverá ter vigência até junho de 2011, perfazendo a partir daí um total de 17.300 beneficiados em 173 núcleos. Além disso, estamos aguardando a autorização dos convênios com as prefeituras de Crateús, Maracanaú (Projeto Piloto da MAIS EDUCAÇÃO), General Sampaio, Limoeiro do Norte, Fortaleza, Juazeiro do Norte e Àquelas, totalizando mais 24.00 beneficiados em 214 núcleos.

A.S. – O Programa Segundo Tempo na EC20 tem dois momentos interessantes que deveremos colocar. Eu me lembro que no início a nossa universidade não estava envolvida com o PST, desconhecendo seus objetivos e tendo rejeição pela própria filosofia que naquele momento aparecia através das escolinhas de esportes, considerando como negativo para um programa da magnitude do ME. Quando o Luiz convidou a nossa universidade e nós fomos para o primeiro encontro, verificamos a seriedade e a importância da sua filosofia e de todos os procedimentos pedagógicos que nos foram apresentados pela equipe pedagógica do professor Amauri. Então, foi a partir daí que a nossa EC20 aderiu à proposta, incluindo em nossa rotina diária mais esse desafio, compreendendo que a universidade deveria ser parceira para cumprir a sua responsabilidade social, enquanto Instituição de Ensino Superior que deve cumprir seus objetivos nos três pilares de sustentação: ensino, pesquisa e extensão. No primeiro momento estávamos meio perdidos e depois começamos a nos apropriar dos instrumentos e de todos os procedimentos que o PST desenvolve com muita propriedade.

M.C. - Então na concepção de vocês, ele cumpre o papel social da inclusão?

D.A. - Sim. De forma ampliada, podemos identificar que o PST, dependendo da realidade em que seus núcleos se encontram, adquire sua própria identidade, seja na utilização do esporte no combate ao uso de drogas, situação de rua, ou mesmo de fome. Tenho percebido

---

<sup>2</sup> Serviço Social do Comércio - Ceará

que a função social do esporte educacional se consolida, quando em todos os núcleos visitados tem se identificado que os beneficiados pertencem ao público alvo proposto, recebendo todo tratamento diferenciado e tranquilizando assim suas famílias, que na sua maioria não teriam o suporte necessário para proporcionar aos seus filhos a participação num Programa com a qualidade do PST.

A.S. – Eu acho que o maior mérito desse programa é a inclusão social, compreendendo hoje que o PST tem um objetivo claro e definido que foi reforçado na palestra da professora Suraya Darido, onde podemos reafirmar que: o esporte só poderá ser educacional, a partir do momento que ele tiver um propósito pedagógico e for trabalhado na perspectiva de considerar o ser humano como um todo; caso contrário, não terá significado e não deverá cumprir o seu papel na construção de cidadãos conscientes e participativos.

M.C. – A extensão do trabalho de vocês é a nível estadual então, no estado do Ceará?

A.S – Isso.

D.A – Isso.

M.C. – Perfeito. E sobre o processo de capacitação, participaram de diversos processos de capacitação?

D.A – Primeiramente fomos convidados pela EG do ME para assistir a capacitação que à EC19 realizou para os coordenadores de núcleo do convênio com o governo do Ceará, em Fortaleza; em seguida a nossa EC iniciou o nosso primeiro encontro também em Fortaleza com os professores Luiz Cláudio e Sérgio<sup>3</sup>, momento em que nos foram repassadas as primeiras informações sobre o funcionamento da plataforma e as rotinas de uma EC (Equipe Colaboradora).

---

<sup>3</sup> Sergio Augusto Rosa de Souza, Universidade Federal do Maranhão.

A.S. – A nossa equipe talvez tenha sido uma das equipes que teve o privilégio de ser capacitada dentro dos padrões normais, onde no primeiro momento nós fomos convidados a assistir uma capacitação, orientada por uma equipe experiente. Então nós assistimos como convidados. Em seguida nós fizemos capacitação com a equipe gestora, com a equipe pedagógica, com a nossa equipe colaboradora, e depois nós passamos a realizar o processo de capacitação. Então a nossa equipe na realidade foi uma equipe que seguiu os passos que a equipe pedagógica considera como normais.

D.A. – Complementando a fala do professor Adalberto, passamos a ser chamados de início de Equipe Colaboradora piloto.

M.C. – E vocês acham que essa capacitação dos coordenadores e posteriormente dos monitores chegou ao objetivo final, na ponta mesmo que até é o anseio de alguns aqui?

A.S. - Eu diria que nós temos um pequeno fosso ainda, um pequeno abismo que, eu diria, não passa de 5 metros de altura; não é um abismo, é uma vala, pois quanto aos fundamentos teóricos e metodológicos, a maioria dos coordenadores e monitores de núcleo que tem formação na área, ainda tem dificuldade para entender e implementá-los, causados pela “deformação” em sua formação. Os cursos de Educação Física hoje não têm competência, em sua maioria, para “incutir” no futuro profissional uma visão pedagógica do esporte. Até porque, historicamente, o esporte tomou conta das nossas formações como conteúdo final, sendo apenas trabalhado pelo viés do rendimento, do talento, da performance, enfim o viés do esporte pelo esporte, sem considerar o esporte educacional na sua essência, ficando de início muito difícil essa compreensão, dificultando assim esse entendimento e sua efetivação junto aos nossos beneficiados.

D.A. – Compreendemos que as sequências das capacitações deverão ser realizadas a partir da realidade de cada convênio, considerando a formação de todos os seus integrantes, como também as suas estruturas, para facilitar o entendimento e a relevância dos trabalhos futuros e as possibilidades de transformação junto aos beneficiados.

M.C. – A gente está num evento de fechamento de um ciclo de avaliação do programa, e nesse sentido, na opinião de vocês, o que é possível fazer para o programa se qualificar ainda mais?

D.A. – Bom, eu penso que o segredo é procurar estratégias para entender a realidade de cada núcleo, sabendo que não é fácil, face às diferenças culturais existentes em todas as regiões do nosso país. Posteriormente fazer um acompanhamento mais específico, buscando encontrar estratégias para fazer com que os nossos gestores compreendam a necessidade de valorizar a importância do Programa Segundo Tempo para os seus beneficiados, e para a sua localidade, compreendendo-o como um suporte para o desenvolvimento nos diversos segmentos da nossa sociedade.

A.S. – Eu acho que a qualificação é o ponto central, porque percebemos ao longo desse ano, por exemplo, que, se os coordenadores de núcleo repassassem aos monitores o que receberam na sua totalidade, nós teríamos um trabalho de qualidade junto aos nossos beneficiados. Então, talvez como sugestões para 2011, deveríamos investir mais nas capacitações dos monitores, com a mesma carga horária dos coordenadores de núcleo, envolvendo os parceiros para cumprir o que está pactuado no PPC.

M.C. – Um dos objetivos, senão o objetivo central do nosso projeto da memória é preservar a memória do Programa Segundo Tempo, colhendo esses depoimentos para que futuros possam registrar. Na sua visão é importante preservar essa memória do Programa Segundo Tempo?

A.S. – Ah, sem dúvida. Eu acho que nós precisamos resgatar todos os passos das nossas caminhadas, para não continuar fazendo parte deste discurso que existe no Brasil, que é retratado como um país sem memória.

D.A. – Para nós da EC20, é muito importante estar fazendo parte deste projeto memória junto ao PST, no momento em que compreendemos a importância da contribuição de cada avaliador, cumprindo o seu papel com responsabilidade e contribuindo para a inclusão social definitiva de milhares de crianças e adolescentes espalhados pelas diversas



localidades daquele Ceará sofrido, mas sempre esperançoso e acreditando num futuro melhor.

M.C. – Então tá, eu gostaria de agradecer a entrevista de vocês, mais uma ótima contribuição; espero que possam contribuir ainda mais. Certo?

A.S. - Felicidades e bom trabalho.

D.A. - Nós é que agradecemos e nos colocamos a disposição, na certeza de que a contribuição da EC 20 estará na memória do PST e poderá um dia ser lembrada por todos e, quem sabe ser julgada como uma equipe que tentou fazer o melhor e contribuiu para a inclusão da maioria das crianças e adolescentes que, ainda hoje, estão à margem da nossa sociedade.

[FINAL DO DEPOIMENTO]